

CUIDADO DE ENFERMAGEM HUMANIZADO A HOMENS LGBTQIAPN+ : ÊNFASE NA CIRURGIA DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL

Ana Paula Gonçalves dos Reis¹

Camila Karen da Silva²

Grethelien Christye Silva Cerqueira³

Liziane das Graças Agostinho⁴

Luisa Cristina Figueiredo⁵

Marcos Vinicius Lunardi⁶

Natália Romana Rosa⁷

Rosilene Maria de Oliveira⁸

RESUMO

o presente trabalho aborda o cuidado de enfermagem humanizado destinado a homens LGBTQIAPN+, com ênfase na cirurgia de redesignação sexual. O objetivo principal foi analisar os impactos e desafios no atendimento prestado por enfermeiros a essa população, identificando barreiras, estratégias de acolhimento e a importância da capacitação profissional. A metodologia consistiu em uma revisão bibliográfica de caráter exploratório, com análise de 27 artigos publicados entre 2011 e 2025, selecionados em bases como Scielo, BVS, LILACS e Google Acadêmico. Os resultados indicam que a maioria dos profissionais de enfermagem não se sente preparada para atender homens trans, o que contribui para um ambiente inseguro e discriminatório. Por outro lado, formações específicas e capacitação evidenciam um impacto positivo na qualidade do cuidado.

¹ Nutricionista, enfermeira, pós-graduada em saúde pública e urgência e emergência. Mestre em educação e em diabetes. Professora da Faculdade Asa de Brumadinho.

² Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Asa de Brumadinho.

³ Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Asa de Brumadinho.

⁴ Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Asa de Brumadinho.

⁵ Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Asa de Brumadinho.

⁶ Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Asa de Brumadinho.

⁷ Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Asa de Brumadinho.

⁸ Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Asa de Brumadinho.

Palavras-chave: Enfermagem. Homens trans. LGBTQIAPN+. Redesignação sexual. Humanização do Cuidado.

HUMANIZED NURSING CARE FOR LGBTQIAPN+ MEN: EMPHASIS ON GENDER REASSIGNMENT SURGERY

ABSTRACT

This paper addresses humanized nursing care provided to LGBTQIAPN+ men, with an emphasis on gender reassignment surgery. The main objective was to analyze the impacts and challenges in the care provided by nurses to this population, identifying barriers, welcoming strategies, and the importance of professional training. The methodology consisted of an exploratory bibliographic review, analyzing 27 articles published between 2011 and 2025, selected from databases such as Scielo, BVS, LILACS, and Google Scholar. The results indicate that most nursing professionals do not feel prepared to care for trans men, which contributes to an unsafe and discriminatory environment. On the other hand, specific training and professional development have a positive impact on the quality of care. It is observed that nursing practice must be guided by ethical principles, respect for diversity, and equity, making investment in education and inclusive public policies essential.

Keywords: Nursing. Trans men. LGBTQIAPN+. Gender reassignment. Humanized care.

CUIDADO DE ENFERMERÍA HUMANIZADO A HOMBRES LGBTQIAPN+: ÉNFASIS EN LA CIRUGÍA DE REASIGNACIÓN SEXUAL

RESUMEN

El presente trabajo aborda el cuidado de enfermería humanizado dirigido a hombres LGBTQIAPN+, con énfasis en la cirugía de reasignación sexual. El objetivo principal fue analizar los impactos y desafíos en la atención brindada por los enfermeros a esta población, identificando barreras, estrategias de acogida y la importancia de la capacitación profesional. La metodología consistió en una revisión bibliográfica de carácter exploratorio, con el análisis de 27 artículos publicados entre 2011 y 2025, seleccionados en bases como Scielo, BVS, LILACS y Google Académico. Los resultados indican que la mayoría de los profesionales de enfermería no se sienten preparados para atender a hombres trans, lo que contribuye a un entorno inseguro y discriminatorio. Por otro lado, las formaciones específicas y la capacitación evidencian un impacto positivo en la calidad del cuidado.

Palabras clave: Enfermería. Hombres trans. LGBTQIAPN+. Reasignación sexual. Humanización del Cuidado.

I. INTRODUÇÃO

A Constituição Federal (CF) de 1988, em seu artigo 196, assegura que a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visam à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. Com base nesse artigo, o Sistema Único de Saúde (SUS) foi criado para ofertar atendimento integral a população brasileira. (BRASIL, 1988)

Apesar disso, diversas populações ainda enfrentam dificuldades para obter acesso à saúde, entre eles a comunidade LGBTQIAPN+, especialmente os homens trans. Esses indivíduos se deparam com o despreparo dos profissionais de saúde, discriminação e preconceito institucional, elementos que comprometem a eficácia do atendimento. (Silva et.al, 2020).

O princípio da equidade nos mostra que cada pessoa é única, e necessita de cuidados específicos, de acordo com as necessidades individuais observadas. O objetivo desse princípio segundo Ministério da Saúde (MS) é diminuir desigualdades, possibilitando assim que o cuidado seja prestado de forma a suprir necessidades distintas, em outras palavras, tratando desigualmente os desiguais (De Oliveira, 2023).

A resolubilidade é definida como: “a exigência de que, quando um indivíduo busca o atendimento ou quando surge um problema de impacto coletivo sobre a saúde, o serviço correspondente esteja capacitado para enfrentá-lo e resolvê-lo até o nível da sua competência” (Chassot, 2023).

A Organização das Nações Unidas (ONU) destaca o estigma e a discriminação como graves empecilhos para o acesso e o uso dos serviços de saúde pelo público LGBTQIAPN+. O estigma e a ignorância em relação à identidade de gênero são frequentes na sociedade e nos serviços de saúde. A discriminação pode promover negação de provimento de cuidados, assistência precária e tratamento ofensivo ou arbitrário (Silva et.al, 2020).

A Atenção Primária à Saúde (APS), enquanto porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS), é o ambiente ideal para promover um cuidado integral e humanizado. A enfermagem atua na linha de frente da assistência e tem o papel estratégico na promoção do acolhimento humanizado e na quebra de estigmas.

No entanto, ainda existem desafios para garantir um atendimento ético, seguro e inclusivo por parte da enfermagem. Neste sentido, surgem questionamentos importantes: como ocorre o acolhimento dos homens trans nos serviços de APS?

O enfermeiro está preparado para lidar com as especificidades dessa população? O que impede a enfermagem proporcionar o acesso a um cuidado humanizado?

Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar o cuidado de enfermagem proporcionado a homens LGBTQIAPN+, com ênfase na cirurgia de redesignação sexual, identificando os principais desafios, estratégias de acolhimento e a importância da capacitação profissional no contexto da APS.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os impactos relacionados ao atendimento prestado pelo enfermeiro à saúde do homem na comunidade LGBTQIAPN+, identificando os desafios e as estratégias necessárias para garantir um atendimento seguro, humanizado e inclusive

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as principais barreiras que dificultam o atendimento eficaz a homens LGBTQIAPN+ na atenção primária de saúde.
- Evidenciar a importância da capacitação do enfermeiro em relação ao atendimento a essa comunidade.
- Ressaltar a importância da criação de estratégias que visem promover um atendimento humanizado e livre de preconceitos nos serviços de saúde.
- Abordar o atendimento de homens trans em consultórios de ginecologia
- Discutir o papel da enfermagem no cuidado pré e pós-operatório de cirurgias de afirmação de gênero.
- Identificar estratégias de humanização e acolhimento na APS.

3 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter exploratório com o objetivo de analisar pesquisas científicas acerca do tema proposto: “CUIDADO

DE ENFERMAGEM HUMANIZADO A HOMENS LGBTQIAPN+: Ênfase nos homens trans e na cirurgia de redesignação sexual”. A revisão buscou verificar a percepção dos profissionais de enfermagem acerca dos cuidados humanizados prestados a homens LGBTQIAPN+ nos serviços de saúde.

A busca foi realizada em bancos de dados virtuais como Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), LILACS, Ministério da Saúde (MS), plataforma do Governo Federal (GOV.br) e Google Acadêmico, utilizando os seguintes descritores: homens LGBTQIAPN+, Homens Trans; Enfermagem; Atendimento

Humanizado; Redesignação Sexual; Saúde LGBTQIAPN+;

Foram selecionados artigos publicados no período de 2011 a 2025 totalizando 42 artigos analisados relacionados ao tema proposto. Destes, 27 compuseram o resultado final da análise enquanto 13 foram excluídos por não concordância com o tema proposto

4 DESENVOLVIMENTO

4.1 ACOLHIMENTO DO ENFERMEIRO A HOMENS LGBTQIAPN+ NA ATENÇÃO PRIMÁRIA DE SAÚDE (APS)

Acolher significa humanizar o atendimento, sendo a primeira e, possivelmente, a principal estratégia para estabelecer uma relação de confiança entre paciente e a equipe de saúde. (Ferreira et.al, 2020).

A saúde pública no Brasil vive um impasse ao ver populações negligenciadas, como a LGBTQIAPN+, emergirem em busca de seus direitos na mesma proporção em que vê, também, situações de desigualdade e violação de direitos aumentarem de forma institucional. (Ferreira et.al, 2020).

Há fragilidades, barreiras e dificuldades na produção do cuidado à saúde da população LGBTQIAPN+ que envolvem dimensões distintas que perpassam pela formação acadêmica, profissional, estrutural, administrativa/institucional e da gestão do cuidado e atenção à saúde no contexto da Atenção Primária. Este cenário é provocador da manutenção de desigualdades e iniquidades em saúde que necessitam ser superados. (Sousa, et.al, 2021).

O Enfermeiro, como gestor participante da equipe de saúde, necessita de treinamento para atender este público sem preconceitos. É essencial, por exemplo, saber como atender um homem trans que ainda precisa fazer o exame de citologia oncológica ou chamar as pessoas pelo nome social, conforme previsto em lei. (Rosa, 2021).

O acolhimento realizado pelo enfermeiro corretamente é capaz de detectar problemas precocemente, como reduzir de gastos no sistema secundário e terciário de saúde e aproximar o paciente de um atendimento digno e inclusivo, dessa forma reforçando a necessidade de estudos, manuais e treinamentos visando melhorar atendimento e acolhimento. (Rosa, 2021).

Estudos apontam que a maioria dos enfermeiros não sabem a diferença entre orientação sexual e identidade gênero, e muitos não souberam definir de forma concreta o que é o processo transexualizador, mas no geral apresentaram respostas positivas quanto à importância de a enfermagem estar capacitada para atender a população. (Gonçalves, et.al 2019).

4.2 POLÍTICAS E DIRETRIZES NACIONAIS DE SAÚDE INTEGRAL À SAÚDE LGBTQIAPN+

A Política Nacional de Saúde Integral LGBT foi instituída pela Portaria nº 2.836/GM/MS De 1º de dezembro de 2011, com o objetivo de promover o acesso universal e igualitário à saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Essa política busca eliminar a discriminação e o preconceito institucional, garantir direitos e consolidar o Sistema Único de Saúde (SUS) como um sistema integral, universal e equitativo. (BRASIL, 2011).

Entre as diretrizes centrais dessa política estão o respeito aos direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, contribuindo para a eliminação do estigma e da discriminação decorrentes das homofobias e Inclusão da temática da orientação sexual e identidade de gênero nos processos de educação permanente desenvolvidos pelo SUS, incluindo os trabalhadores da saúde. (BRASIL, 2011).

O Ministério da Saúde tem implementado ações para qualificar os profissionais de saúde e promover atendimentos inclusivos, tais como o investimento em pesquisas sobre saúde de pessoas transgêneros, atualização dos campos de orientação sexual e identidade de gênero nos Cadastros da atenção básica e desenvolvimento de cursos auto instrucionais, como o “Promoção do Acesso e Equidade no âmbito da Atenção Primária à Saúde para o cuidado integral da população LGBTQIAPN+”. (BRASIL, 2020).

Especificamente em Minas Gerais, a Secretaria de Estado de Saúde instituiu, desde 2020, a Política Estadual de Saúde Integral LGBT, com o objetivo de ampliar o acesso à saúde para a população LGBTQIAPN, qualificar os profissionais da saúde e proporcionar melhorias no atendimento nas Unidades Básicas de Saúde. (MINAS GERAIS, 2020).

4.3 NÍVEL DE CAPACITAÇÃO DO ENFERMEIRO PARA O ACOLHIMENTO NA APS DA POPULAÇÃO LGBTQIAPN+

Homens trans são frequentemente invisibilizados nos serviços de saúde. Muitos evitam procurar atendimento por medo de serem maltratados, chamados por nomes errados ou expostos a situações constrangedoras. (SANTOS, 2024).

Além disso, há desconhecimento por parte dos profissionais sobre a anatomia, o processo de transição e os aspectos hormonais e reprodutivos dessa população. Esse despreparo contribui para o afastamento dessa população dos serviços de saúde. (Bragagnolo, 2023).

Fatores como a ausência de banheiros inclusivos, a utilização incorreta de pronomes e o tratamento baseado em suposições cis normativas reforçam o afastamento dessas pessoas do cuidado em saúde. (Bragagnolo, 2023).

A Pesquisa Nacional de Saúde mostra que, no Brasil, milhões de brasileiros se identificam como parte da comunidade LGBTQIAPN+, mas muitos se recusam a responder questões a respeito de orientação sexual ou identidade de gênero, revelando ainda contexto de medo e invisibilidade. (Silva et.al, 2023)

Nesse contexto, a enfermagem desempenha um papel fundamental e estratégico na adesão aos serviços e na promoção da saúde, por atuar, desde a primeira etapa até a última, no processo de atendimento à população. Desenvolver competências para acolher a diversidade é essencial para garantir um cuidado ético, seguro e respeitoso. (Silva et.al, 2023).

Pesquisas revelam que, o histórico do cuidado em saúde a esta população se vincula à prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Este histórico contribuiu para a discriminação institucional e os preconceitos de profissionais de saúde e, mesmo após a Política Nacional de Saúde Integral LGBT, não se identificam no meio acadêmico artigos sobre os avanços na atenção à saúde da população LGBTQIAPN+. (Silva et.al, 2023).

Pessoas LGBTQIAPN+ que apresentam uma expressão de gênero e comportamento não estereotipados podem passar despercebidas dentro dos consultórios. Considerando a pluralidade, a diversidade e que as pessoas não seguem um padrão, a anamnese realizada pelo enfermeiro deve ser minuciosa e ampliada, atenta às possíveis respostas humanas e aos contextos de vida de cada pessoa, e toda a terapêutica deve se basear na participação, no respeito à autonomia e os projetos de vida dos usuários por parte da equipe interdisciplinar de referência e eventuais apoiadores. (Santos, et.al 2019).

4.4 CIRURGIA DE AFIRMAÇÃO DE GÊNERO: ASPECTOS DE ENFERMAGEM

Cuidados Pré-Operatórios: Antes da cirurgia, é essencial que o enfermeiro participe da avaliação multidisciplinar, garantindo que o paciente tenha apoio psicológico, compreensão sobre o procedimento e acesso a informações claras sobre riscos, benefícios e cuidados posteriores. (MORAIS; CORTES, 2020).

O preparo físico envolve orientação sobre suspensão de medicamentos que possam interferir na coagulação, como anti-inflamatórios, além de incentivo à cessação do tabagismo e à adoção de hábitos saudáveis. Deve-se também abordar questões relacionadas à fertilidade e oferecer suporte para preservação de gametas, quando for do interesse do paciente. (KAMOL HOSPITAL, 2020).

Cuidados Pós-Operatórios: No pós-operatório, a enfermagem deve monitorar sinais vitais, observar o local da cirurgia quanto à presença de infecção ou hematomas, controlar a dor e orientar o paciente sobre higiene e uso de medicamentos.

O cuidado deve ser contínuo, com foco na reabilitação física (como fisioterapia para prevenir aderências ou rigidez) e no suporte emocional, uma vez que o período pós-operatório pode envolver sentimentos ambivalentes, insegurança ou disforia. (AFIRMAÇÃO DE GÊNERO, 2024).

4.5 ASSISTÊNCIA A HOMENS TRANS EM CONSULTÓRIOS DE GINECOLOGIA

A diversidade de gênero é uma realidade vivida por milhões de brasileiros, mas ainda invisibilizada em muitas práticas clínicas. (Morais; Cortes, 2020).

Homens trans — pessoas redesignadas do sexo feminino ao nascimento que se identificam com o gênero masculino — frequentemente enfrentam múltiplos obstáculos no acesso à saúde, em especial nos serviços ginecológicos. (Morais; Cortes, 2020).

Consultórios de ginecologia, tradicionalmente estruturados para o atendimento de mulheres cisgênero, se tornam locais de exclusão para pacientes transmasculinos. Dentre os fatores mais comuns estão: desconhecimento dos profissionais sobre identidade de gênero, ausência de protocolos específicos, uso incorreto do nome social e práticas invasivas que intensificam a disforia. (Morais; Cortes, 2020).

A enfermagem, por ser a principal força de trabalho da saúde e atuar na linha de frente da APS, deve assumir papel protagonista na construção de um cuidado inclusivo, ético e técnico-cientificamente fundamentado. (Morais; Cortes, 2020).

Na APS e nos consultórios especializados, o enfermeiro é o primeiro ponto de contato e acompanhamento contínuo do paciente. Seu papel não se restringe a procedimentos técnicos, mas envolve acolhimento, educação em saúde, escuta e vínculos. (Morais; Cortes, 2020).

4.6 SAÚDE MENTAL, DISFORIA DE GÊNERO E PAPEL DO ENFERMEIRO

A disforia de gênero é um estado de sofrimento psíquico relacionado à incongruência entre corpo e identidade de gênero. A abordagem ginecológica pode ser especialmente gatilho para essa disforia. (Opas, 2021).

Cabe ao enfermeiro Reconhecer sinais de sofrimento emocional, validar os sentimentos do paciente com escuta ativa e encaminhar, quando necessário, para psicólogos ou grupos de apoio, garantindo sigilo, empatia e respeito durante toda a consulta. (Opas, 2021).

Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), homens trans que se sentem acolhidos e respeitados têm maior adesão ao cuidado e menor incidência de depressão e ideação suicida.

5. DISCUSSÃO

A atuação do enfermeiro frente à saúde do homem LGBTQIAPN+ apresenta desafios significativos, principalmente pela ausência de formação adequada dos profissionais para lidar com as especificidades dessa população. (Ferreira et al., 2020).

Muitos profissionais ainda desconhecem conceitos básicos, como a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero, o que compromete a qualidade e a ética do atendimento. (Gonçalves et al., 2019).

Historicamente, os cuidados de saúde inerentes a essa população se limitaram apenas na prevenção de ISTs, negligenciando outras demandas, o que contribuiu para uma visão reducionista das necessidades em saúde dessa população. Essa herança impacta a atuação dos profissionais e das estruturas dos serviços de saúde. (Santos et.al, 2019).

A criação da Política Nacional de Saúde Integral LGBT representou uma conquista importante, mas ainda enfrenta obstáculos de implementação, como a resistência institucional e a falta de preparo dos profissionais (Silva et al., 2020).

Para que o atendimento seja de fato humanizado, é necessário investir em formação continuada e ações de educação permanente. (Sousa et al., 2021).

A exclusão histórica da população trans dos debates em saúde criou um cenário de negligência e desinformação. A atuação da enfermagem deve romper com paradigmas tradicionais, adotando uma abordagem baseada em equidade e justiça social. A cirurgia de afirmação de gênero representa um dos momentos mais sensíveis para o homem trans e exige do enfermeiro conhecimento técnico, sensibilidade ética e atuação humanizada. Não basta apenas atender: é preciso compreender e respeitar. (Sousa et al., 2021).

Por fim, destaca-se que o cuidado de enfermagem, é fundamental na promoção da equidade e na construção de ambientes de cuidado acolhedores. Evidencia-se que a escuta ativa, o uso do nome social e o respeito à identidade de gênero são atitudes essenciais para fortalecer o vínculo entre equipe de saúde e paciente. A presença de um enfermeiro capacitado pode ser determinante na adesão ao tratamento e na promoção de saúde integral. (Rosa, 2021).

6. RESULTADOS

Os estudos analisados apontam que a maioria dos profissionais de enfermagem não se sente preparada para atender homens LGBTQIAPN+, especialmente homens trans. Essa falta de preparo contribui para um ambiente de cuidado excludente, gerando insegurança, evasão dos serviços e perpetuação de estigmas. (GONÇALVES et al., 2019).

Por outro lado, iniciativas de capacitação têm mostrado resultados positivos. Profissionais que passaram por formações específicas demonstram maior segurança e empatia no atendimento. Isso evidencia que o investimento em capacitação pode ser um diferencial na qualidade do cuidado. (Santos et al., 2019). Esses achados evidenciam a importância de formações específicas para os profissionais de enfermagem. Capacitar a equipe sobre diversidade sexual, acolhimento e uso correto do nome social contribui diretamente para a qualidade, visto que, a ausência de preparo técnico e ético contribui para a continuidade de práticas discriminatórias e não inclusivas. (SILVA et al., 2023).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do enfermeiro junto a população LGBTQIAPN+, especialmente aos homens trans, deve ser orientada por princípios éticos, respeito à diversidade e no compromisso com a equidade. Para isso, é essencial que a formação dos profissionais inclua conteúdo específico sobre identidade de gênero, sexualidade e direitos humanos. (DE OLIVEIRA, 2023).

Apesar dos avanços promovidos pela Política Nacional de Saúde Integral LGBT, ainda existem brechas que precisam ser confrontadas, como a resistência institucional, a falta de protocolos inclusivos e o despreparo de muitos profissionais de saúde. (SILVA et al., 2020).

O sucesso do cuidado — especialmente no contexto da cirurgia de afirmação de gênero — depende de uma atuação técnica, sensível e humanizada, também da preparação dos profissionais, da estruturação dos serviços e da inclusão da diversidade como valor central da prática em saúde. Valorizar o nome social, respeitar a identidade de gênero e garantir escuta qualificada são atitudes que transformam os serviços de saúde em um espaço verdadeiramente acolhedor. (DE OLIVEIRA, 2023).

REFERÊNCIAS

AFIRMAÇÃO DE GÊNERO. Manual de cuidados pós-cirúrgicos para pessoas transmasculinas. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.

ANDERSON, Reis de Sousa et al. Produção de cuidado de enfermagem à população LGBTQIA+ na Atenção Primária. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 1, p. 291–303, 2021.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral LGBT: princípios, diretrizes e recomendações. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

CARLA, Viana de Santa Rosa. O enfermeiro no atendimento do público LGBTQIA+. *Revista Remecs*, v. 14, p. 14, 2021.

CHASSOT, Maicon Daniel. Educação em saúde em um serviço de emergência de alta complexidade: qualificação da transferência de cuidados para leitos de retaguarda do SUS. 2023. Trabalho acadêmico não publicado.

DAIANA, Mateus da Silva; ALMEIDA, Diádiney Helena de. O olhar da enfermagem no contexto do atendimento à saúde da população LGBTQIA+. *Saúde em Debate*, v. 47, spe1, 2023.

DE OLIVEIRA, Mara Ramos. Saúde pública do Brasil: SUS e promoção da saúde. *Revista*

Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 9, n. 9, p. 1294–1302, 2023.

ERREIRA, J. C. G. A. et al. Acolhimento e atendimento da população LGBTQIA+ na Atenção Primária. Revista de APS, v. 23, 2020.

GONÇALVES, J. R.; LUSTOSA, G. R. Análise do conhecimento de enfermeiros relacionado à assistência à população LGBT. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 2, n. 5, p. 226–239, 2019.

GOMES, R.; NASCIMENTO, E. F.; ARAÚJO, F. C. Itinerários terapêuticos de homens trans nos serviços públicos de saúde. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 571– 583, 2018.

JULIANA, Spinula dos Santos; SILVA, L. M.; OLIVEIRA, A. C. Saúde da população LGBTI+ na Atenção Primária à Saúde e a inserção da Enfermagem. Escola Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, e20190257, 2019.

KAMOL HOSPITAL. Preparation before sex reassignment surgery. Bangkok, 2020. Disponível em: <https://www.kamolhospital.com>. Acesso em: 7 jun. 2025.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Saúde. Política Estadual de Saúde Integral LGBT. Belo Horizonte: SES/MG, 2020.

MORAIS, R.; CORTES, A. Cuidados pré-operatórios em cirurgia de redesignação sexual. Revista Enfermagem Atual, v. 94, n. 2, p. 55–61, 2020.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Saúde trans: cuidados e

direitos. Brasília: OPAS, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saudetrans>. Acesso em: 7 jun. 2025.

RODRIGUES, A. L. S.; SOUSA, F. G. A atuação da enfermagem na assistência à população transexual: desafios e possibilidades. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 72, supl. 1, p. 297–302, 2019.

ROSA, C. V. S. O enfermeiro no atendimento do público LGBTQIA+. Revista Remecs, v. 14, p. 14, 2021.

SANTOS, J. S. et al. Saúde da população trans na Atenção Primária à Saúde: desafios para a enfermagem. Revista de APS, v. 27, n. 1, p. 12–18, 2024.

SANTOS, J. S.; SILVA, L. M.; OLIVEIRA, A. C. Saúde da população LGBTI+ na Atenção Primária à Saúde e a inserção da Enfermagem. Escola Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, e20190257, 2019.

SILVA, Amanda de Cássia Azevedo da et al. Implementação da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI LGBT) no Paraná, Brasil. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 24, 2020.

SILVA, D. M.; ALMEIDA, D. H. O olhar da enfermagem no contexto do atendimento à saúde da população LGBTQIA+. *Saúde em Debate*, v. 47, spe1, 2023.

SOUSA, A. R. et al. Produção de cuidado de enfermagem à população LGBTQIA+ na Atenção Primária. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 1, p. 291–303, 2021.